



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS
POETA PINTO DO MONTEIRO – CAMPUS VI
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

FRANCICLEIDE CHAGAS ANDRADE

AS MÁSCARAS DO DIABO EM MACHADO DE ASSIS

MONTEIRO- PB

2014

FRANCICLEIDE CHAGAS

AS MÁSCARAS DO DIABO EM MACHADO DE ASSIS

Monografia apresentada, sob a orientação do professor Dr. Marcelo Medeiros da Silva, ao curso de Licenciatura Plena em Letras, do Centro de Ciências Humanas e Exatas, Campus VI, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do grau de graduada em Letras – habilitação em Língua Portuguesa.

MONTEIRO – PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

A553m Andrade, Francicleide Chagas.

As máscaras do diabo em Machado de Assis [manuscrito] : /
Francicleide Chagas Andrade. - 2014.

49 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras -
Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências
Humanas e Exatas, 2014.

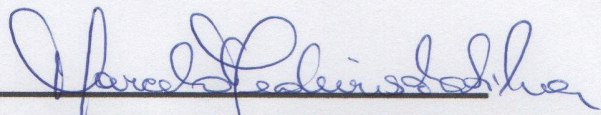
"Orientação: Prof. Dr. Marcelo Medeiros da Silva,
Departamento de Letras".

1. Diabo - representação. 2. Conto. 3. Machado de Assis. I.
Título.

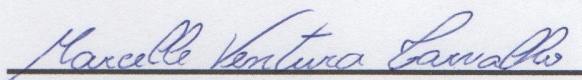
21. ed. CDD B869.3

FRANCICLEIDE CHAGAS ANDRADE

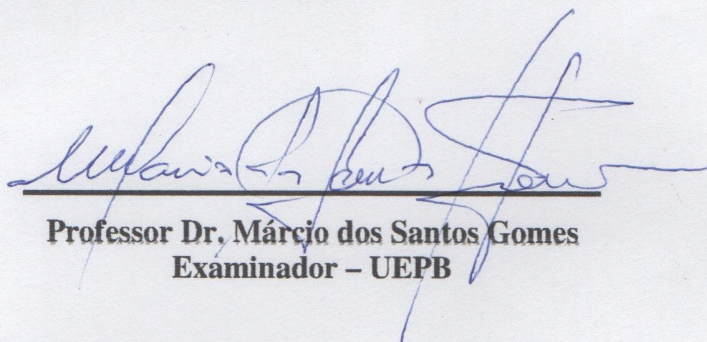
AS MÁSCARAS DO DIABO EM MACHADO DE ASSIS



Professor Dr. Marcelo Medeiros da Silva
Orientador – UEPB



Professora Me. Marcelle Ventura de Carvalho
Examinadora – UEPB



Professor Dr. Márcio dos Santos Gomes
Examinador – UEPB

20/03/2014

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiro a Deus e aos meus pais por me ajudarem a trilhar os caminhos da vida. Aos meus professores, desde aqueles que me ensinaram as primeiras letras até os professores da graduação, pela dedicação e empenho em nos repassarem de forma generosa seus conhecimentos.

Agradeço a minha querida turma: Letras-Português 2009.1, à qual dedico especial carinho sem distinção: Paixão Almeida, Renata Tamires, Gabriela Gilvanda, Allisson, Bruna Braz, Bruna Aleixo, Lucian, Vandilson, Aline, Suzana, Raquel, Simone, Dapaz, Ildeize, Ana Emanuela, não esquecendo três queridos colegas que também faziam parte desse time: Joselito, a linda Daniele e a sempre divertida Dejinha, pela amizade, união e companheirismo. Aos meus companheiros do carro, que enfrentaram comigo, todos os dias, os 144 Km de São José dos Cordeiros a Monteiro. Em especial, a minha irmã Fabrícia e ao meu cunhado João Lino.

Sou imensamente agradecida ao professor Dr. Marcelo Medeiros por sua mediação feita com cuidado e presteza ao me orientar neste trabalho. Enfim, muito obrigada a todos que de uma forma ou de outra me ajudaram na realização de mais um sonho.

RESUMO

O trabalho estuda a figura do Diabo na contística de Machado de Assis. Nosso *corpus* é composto pelos seguintes contos: “A Igreja do Diabo”, “O Sermão do Diabo”, e “Adão e Eva”. Objetivamos investigar como o Diabo está representado em tais narrativas. Aventamos como hipóteses possíveis que a representação do demoníaco no universo machadiano pode estar em consonância com o que sobre o Diabo está cristalizado no imaginário ocidental, isto é, apresentar uma imagem em negativo do Diabo, vê-lo como oponente de Deus ou como figura alegórica do próprio artista. Para fundamentar a nossa análise, valemo-nos dos estudos sobre o demoníaco em interface com a literatura, conforme o pensamento dos seguintes estudiosos: Cousté (1996), Link (1998), Nogueira (2002), Russel (2003), dentre outros que se voltam para pensar a presença do demoníaco na cultura e nas artes em geral, notadamente na Literatura. Esperamos contribuir para os estudos voltados para a compreensão do imaginário religioso na cultura ocidental, notadamente a partir da reflexão sobre esse ser que nos espreita sempre: o Diabo.

Palavras-chave: Representação, Diabo, Conto, Machado de Assis.

RESUMEN

El trabajo estudia la figura del Diablo en los cuentos de Machado de Assis. Nuestro corpus es compuesto por los siguientes cuentos: “A Igreja do Diabo”, “O Sermão do Diabo” y “Adão e Eva”. Objetivamos investigar como el Diablo está representado en dichos relatos. Sugerimos como hipótesis posibles que la representación del demoníaco en el universo machadiano puede estar en conformidad con lo que sobre el Diablo está cristalizado en el imaginario Occidental, esto es, presentar una imagen en negativo del Diablo, verlo como oponente de Dios o como figura alegórica del propio artista. Para fundamentar nuestro análisis, nos valemos de los estudios al respecto del demoníaco en interface con la literatura, conforme el pensamiento de los siguientes estudiosos: Cousté (1996), Link (1998), Nogueira (2002), Russel (2003). Deseamos contribuir para los estudios vueltos para la comprensión del imaginario religioso de la cultura Occidental, esencialmente a partir de la reflexión al respecto de ese ser que nos acecha siempre: el Diablo.

Palabras llave: Representación, Diablo, Cuento, Machado de Assis.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO I	
O DIABO: ARTÍFICE DOS DISFARCES	12
CAPÍTULO II	
O DIABO DE MACHADO DE ASSIS: ESTUDO ANALÍTICO.....	26
O DIABO EM TRÊS TEMPOS: O DISCURSO MACHADIANO SOBRE A TEOLOGIA DIABÓLICA	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	47

INTRODUÇÃO

Desde os tempos mais imemoriais, a figura do Diabo faz parte do imaginário ocidental. Geralmente, visto em negativo, palco de investidas, objeto de execração, ele é tido como o tentador, como o sujeito que quis ser superior ao criador. Mas a sua figura não representa somente o inimigo de Deus; ele é “servidor” e “protetor” de Deus. E, segundo Cousté (1996), como “colaborador” de Deus tem um sentido positivo, o de agente tentador, pois força o homem a optar, criando oportunidades de elevação moral. Sendo assim, não existe conflito entre o bem e o mal. O que existe são homens e mulheres pecadores e tolos em um mundo carnal. Mesmo assim, em torno do Diabo, foram sendo criados os mais diversos discursos e representações, sobretudo na arte, o que revela que ele é, a um só tempo, objeto de temor e fascinação.

Em razão dessa natureza contraditória, de sua importância para a compreensão do imaginário religioso e cultural ocidental, é que procuraremos estudá-lo na contística de Machado de Assis. Partindo de contos como “A igreja do diabo”, “O sermão do diabo” e “O diálogo entre Adão e Eva”, ensejamos investigar como se dá a representação do demoníaco nesses contos. Será que os discursos elaborados pelos narradores machadianos corroboram as imagens em negativo sobre o Diabo? A partir de que perspectiva o Diabo é visto nestes contos? Será ele apenas um oponente de Deus? É uma figura alegórica dentro da contística machadiana? Alegoria de quê? Das contradições e maldades humanas ou do ofício de ser escritor? Diante disso, perguntamo-nos será mesmo o Diabo inimigo ou servidor de Deus?

Diante de tais indagações, elencamos as seguintes hipóteses: a) partimos do pressuposto de que o Diabo não é apenas oponente de Deus, mas, sim, uma personagem alegórica para a representação das maldades e contradições humanas; b) no que concerne à oposição Deus e o Diabo, este vai sagrar-se sempre como o perdedor, o derrotado, pois o seu poder é poder de criatura, controlado para servir aos propósitos do Divino; c) acreditamos que o Diabo é uma personagem de que se vale Machado de Assis para discutir o papel do artista e da obra literária na literatura ocidental.

Embora acerca da obra de Machado de Assis já exista uma considerável fortuna crítica, que vai se enriquecendo cada vez mais, seja em âmbito nacional, seja em âmbito internacional, acreditamos que a nossa proposta de pesquisa vem contribuir para os estudos em torno da obra do bruxo do Cosme Velho em razão dos seguintes aspectos.

Primeiro, apesar dos vários estudos existentes sobre a prosa machadiana, eles se voltam mais para os romances ou as crônicas e escamoteiam ou se fazem rarear quando o *corpus* é os contos. Ao elegermos os referidos três contos como escopo de nossa análise, estamos privilegiando um gênero, visto como menor, no âmbito da tradição que elegeu o romance como o gênero em que Machado de Assis se consagrou como o nosso grande escritor, embora tenha sido com o referido autor que o conto brasileiro, no século XIX, que atingiu seu ponto mais alto. Em síntese, o estudo da ficção machadiana não pode deixar de lado o fato de que, perspicaz e quase ferino na análise da alma humana, o escritor criou uma obra extremamente inovadora, que permanece viva e atual, gerando polêmicas e conquistando a estima de sucessivas gerações de leitores.

O segundo aspecto que torna relevante a presente pesquisa é o fato de, dentre os contos publicados por Machado de Assis, termos eleito aqueles cuja personagem principal é o Diabo. Eis, pois, um tema dentro da obra machadiana sobre o qual poucos estudiosos têm se detido, razão por que esperamos contribuir para o alargamento dos estudos críticos já existentes acerca da contística machadiana e das representações em torno do Diabo.

Decorrente da escolha de nosso objeto de estudo, isto é, a representação do diabo em Machado de Assis, eis um terceiro aspecto que, a nosso ver, torna importante esta pesquisa: contribuir para os estudos em torno de tal personagem, propiciando uma reflexão sobre este ser que sempre foi visto em negativo. Entender como essa representação pode auxiliar na compreensão não só do Diabo, mas do próprio ser humano, já que, a acreditar-se no que se afirma, são os seres humanos os objetos de desejo dele. Esperamos que a nossa reflexão possa auxiliar a nós mesmos no enfrentamento de nossos próprios medos, receios, temores. Enfim, de nossos próprios demônios, já que uma das funções do texto literário é nos humanizar no sentido mais lato do termo.

Com base na elaboração das hipóteses apresentadas anteriormente, nosso objetivo principal é, então, analisar a representação do Diabo nos contos de Machado de Assis, refletindo acerca dos valores ideológicos subjacentes à representação da figura diabólica no *corpus* escolhido. Os objetivos específicos, por sua vez, são contribuir para o alargamento da fortuna crítica machadiana, notadamente no que diz respeito aos contos; descortinar as máscaras de que se reveste a figura do Diabo nos contos machadianos; refletir sobre os valores ideológicos subjacentes à representação da figura do Diabo no *corpus* escolhido.

Nosso trabalho é dividido em dois capítulos. No primeiro, cujo título é “O Diabo: artífice dos disfarces”, faremos uma breve consideração acerca dos discursos e representações do diabo ao longo da História. O segundo capítulo intitulado de “O Diabo de Machado de Assis: estudo analítico”, partiremos para as análises dos contos. Antes da análise, propriamente dita, neste capítulo, teceremos, primeiro, considerações sobre a narrativa breve machadiana, uma vez que, embora seja este gênero um dos que Machado de Assis escreveu, o conto, conforme já dissemos, não ocupa um lugar muito privilegiado em meio aos estudos sobre a obra de nosso ficcionista. Em seguida, passamos ao enfrentamento do *corpus*, ou seja, à análise da figura do Diabo a fim de verificar como se constrói o que Nogueira (2002) denomina de teologia do Diabo nas referidas obras. Por fim, encerramos o trabalho reiterando que os narradores machadianos se utilizam da figura do Diabo para retratar os conflitos existenciais da humanidade. Este Diabo machadiano usa a máscara do criador, criador de falsidades e traição, bem como a máscara de um diabo que também nos faz rir com suas artimanhas que não o impedem de ser logrado.

Capítulo I

O Diabo: artífice dos disfarces

“O acaso... é um Deus e um diabo ao mesmo tempo”.

Machado de Assis

“Um argumento a favor do diabo: É preciso recordar que nós ouvimos só uma versão da história. Deus escreveu todos os livros”.

Samuel Butler

“Pois todos os deuses das nações são demônios, mas o Senhor Deus é o criador dos Céus”.

Salmo 95:5

1.1 Discursos e representações sobre o Diabo ao longo da História: breves considerações

Os discursos e representações acerca do Diabo ao longo da História nos apresentam que foi com o advento dos Tempos Modernos que o Diabo e seus seguidores ocuparam o cenário principal do imaginário europeu, pois na Antiguidade a ideia sobre o demoníaco que hoje conhecemos não existia. Conforme a Missão Bíblica Cristadelfiana (2007), a soberania de Deus reinava absoluta. Era Ele o autor de todas as coisas, sendo elas boas ou más. O mal era tido como consequência da desobediência do homem, portanto, todo o mal praticado por ele trazia embutido em si o castigo. No Antigo Testamento, poucas são as ocasiões em que a palavra *demônio* ocorre e, quando ocorrem, fazem alusão não a um ser monstruoso e hediondo com existência real, mas aos deuses falsos das nações: “Sacrifícios ofereceram aos demônios, não a Deus; a deuses que não conheceram, novos deuses que vieram há pouco dos quais não se estremeceram seus pais” (DEUTERONÔMIO, 32:17).

Ainda de acordo com a Missão Bíblica Cristadelfiana¹ (2007), o que a Bíblia chama de diabo e satanás é o pecado que reside no próprio homem. A serpente do paraíso era simplesmente um animal do campo que Deus tinha criado mais astuta do que todos os outros animais, dotou-a da faculdade de comunicar-se e permitiu que esta tentasse a mulher com a finalidade de testar o homem a aprender pela própria experiência a distinguir entre o bem e o mal e a usar o seu livre arbítrio. E comprova isso com a seguinte citação bíblica: “Para que se saiba, até ao nascente do sol e até ao poente, que além de mim não há outro; eu sou o SENHOR, e não há outro. Eu formo a luz e crio as trevas; faço a paz e crio o mal; eu o SENHOR faço todas estas coisas” (ISAÍAS, 45: 6-7). Para corroborar ainda mais o que foi dito acima, vejamos a citação a seguir:

A serpente era o mais astuto de todos os animais do campo que Javé Deus havia feito. Ela disse para a mulher: “É verdade que Deus disse que vocês não devem comer de nenhuma árvore do jardim?” A mulher respondeu para a serpente: “Nós podemos comer do fruto das árvores do jardim. Mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, Deus disse: ‘Vocês não comerão dele, nem o tocarão, do contrário vocês vão morrer.’” Então a serpente disse para a mulher: “De modo nenhum vocês morrerão. Mas Deus sabe que, no dia em que vocês comerem o fruto, os olhos de vocês vão se abrir, e vocês se tornarão como deuses, conhecedores do bem e do mal”. Então a mulher viu

¹ Missão Bíblica Cristadelfiana: constituem uma denominação cristã unitária que se desenvolveu no Reino Unido e na América do Norte no século XIX.

que a árvore tentava o apetite, era uma delícia para os olhos e desejável para adquirir discernimento. Pegou o fruto e o comeu; depois o deu também ao marido que estava com ela, e também ele comeu. Então abriram-se os olhos dos dois, e eles perceberam que estavam nus. Entrelaçaram folhas de figueira e fizeram tangas (GÊNESIS, 3:1-7).

No Período Medieval, devido à perseguição sofrida pelos cristãos que fugiam dos romanos, deu-se início a um processo de demonização do “outro”. Todas as religiões concorrentes e precedentes ao cristianismo foram consideradas inimigas e associadas ao Diabo. Nessa época, uma das representações iconográficas do Diabo era a que o associava a Pã, deus grego dotado de chifres, rabo, cascos, orelhas e parte inferior do corpo peluda.

Todavia, com o início da modernidade², esta empresta ao demônio uma coerência e uma difusão jamais alcançadas. O medo desmesurado do demônio estava associado, na mentalidade popular, ao fim do mundo. Esse medo é infundido em consequência à era das divergências religiosas na cristandade que deu origem ao Protestantismo e o momento máximo de repressão à bruxaria. A presença do diabo torna-se necessária para justificar o árduo e ininterrupto esforço missionário, ao mesmo tempo em que a existência de um Satã todo-poderoso servia de fundamento para toda sorte de medidas repressivas e de violências transformadas em luta contra o diabo, seus agentes e suas armadilhas. Essa luta religiosa confere ao Diabo o seu estatuto de grandiosidade, o seu direito de existir em toda a sua potência, em toda a sua majestade. Ele é o grande rebelde. É também neste período que o Diabo sofreu profundas transformações. A partir do século XV o papel do Diabo se inverte, não é mais servidor do homem e sim o homem torna-se servo do maligno.

Segundo KRAMER E SPRENGER (2004), a humanidade era atormentada pela cólera divina, o *dies Irae*, e pelo medo de Satã, estreitamente associado à espera do fim dos tempos no censo comum. *O Martelo das Feiticeiras*, o “Manual de caça às Bruxas”, assim o enuncia: “Em meio às calamidades de um século que desmorona, o mundo em seu ocaso desce para seu declínio e a malícia dos homens aumenta”. E Satã “sabe em sua raiva que tem pouco tempo”.

No entanto, na arte de 800 a 1600, as imagens que são encontradas do diabo mostram-no sempre do lado de Deus, representação essa que não aparecerá na tradição cristã dentro da qual o Diabo passa a ser colocado não ao lado do criador e, sim, em

² Para evitarmos problemas de natureza conceitual, visto que o termo “modernidade” é um tanto quanto controverso, entendemo-lo como o período que se inicia a partir do final do século XV.

posição contrária a Ele, como seu ferrenho opositor. Ao fazê-lo um adversário, com poder independente, uma ameaça real, a tradição cristã dar ao Diabo um corpo substancial capaz de lançar sombras e controlar eventos que restringem a luz emanada de Deus. Essa representação é, pois, extremamente importante não só como forma de criar o temor às artimanhas do tihoso, mas, sobretudo, para que a Igreja continue assentada na pedra que ela utilizou para constituir-se como tal:

O Diabo está solto... Embora acreditando que Jesus havia vindo ao mundo para salvar o homem do poder do Diabo, a Igreja deixou de sustentar que ele estava totalmente vencido. Se assim fosse, não haveria razão para a continuada existência da Igreja. Aos olhos dos cristãos, surgia a aterrorizante certeza da existência de uma conspiração sobrenatural contra o triunfo do Salvador. O poder absoluto de Satã sobre a humanidade havia sido quebrado, mas ele permanecia um formidável oponente. Ele odiava Deus e todos os seres humanos, concebidos à imagem divina, e ansiava por capturar o maior número possível de almas em seu reino infernal, para despojá-las de sua divina semelhança, vingando-se por sua queda: negando os homens a Deus e Deus aos homens. Demônios entravam na mente dos homens e os deixavam loucos (NOGUEIRA, 2002, p. 41).

Se os atos do Diabo somente são possíveis com a permissão de Deus, talvez Satã não seja, de fato, um adversário. Por esse ângulo, é possível vermos o Diabo não como um rival de Deus. Uma vez que ele tem seu próprio lugar e trabalha em perfeita harmonia com os poderes de Deus, não pode ser visto como um inimigo Dele. Apenas está fazendo o trabalho de Deus, em consonância com Este, castigando os pecadores:

Uma posição dualista de que a maldade é um princípio independente de Deus comprometeria a onipotência de Deus. A maldade é uma culpa de bondade; ela não tem uma existência substancial, mas somente uma sombra. (RUSSEL, 2003, p. 30).

A título de ilustração da citação acima e para uma melhor compreensão dela, lembremos que os anjos caídos foram criados por Deus e foram criados como criaturas boas. Eles não são a maldade por natureza, mas por própria vontade. O demônio se move para longe de Deus por inveja, passando a intervir no mundo como sombra Deste para ensinar-nos a dependência da força de Deus. Sendo assim o demônio é espírito mediador entre Deus e os homens. E, se for assim, ele não está em conflito com Deus, mas a serviço Dele próprio, mesmo sem que tenha consciência deste fato. Dentro dessa lógica, o Diabo é o responsável pelos pecadores. De acordo com Russel (2003), Deus permite que o Diabo nos tente para nos ajudar a distinguir entre virtude e pecado, para

permitir-nos alcançar virtude pela luta, nos ensinar humildade, habilitar-nos a discernir e odiar a maldade. A onipotência de Deus é total, e nada pode acontecer fora do seu testamento. A existência e a atividade do Diabo são toleradas por Deus onipotente para os seus próprios propósitos.

Voltando às imagens acerca do Diabo no imaginário ocidental cristão, o que percebemos é que elas são uma mistura de inúmeras formas de representação acumuladas em mil anos de História, entre os séculos VI e XVI. Uma imagem fixada há séculos apresenta o Diabo como um ser de chifres e rabo que tortura pecadores em meio às chamas do inferno, é o ser supremo do reino dos suplícios, o adversário de Deus. Porém, em qualquer época, um traço recorrente a percorrer as miríades de imagens sobre o Diabo é a representação de capetinha impotente ou demônio perverso com aparências variadas. Essa talvez seja, pois, a sua essência, a única coisa de fixa que o demônio parece possuir.

De acordo com Link (1998), como a iconografia sobre o Diabo é vária, vamos encontrar imagens dele não apenas como um ser mau, mas um ser cômico. Nas representações feitas entre os séculos XI e XVI, não vemos Satã, como adversário de Deus. Deparamo-nos geralmente com diabos mais cômicos do que atemorizantes. Neste caso, o Diabo assume a forma de animais grotescos ou de um diabrete cochichando na orelha ou saindo da boca de alguém – um diabrete com chifres, às vezes com garras e quase humano. Mas ele pode ser também um dragão açoitando com a língua as nádegas bem-feitas de uma bruxa nua ou pode ser ainda uma criatura repulsiva que fita de forma lúbrica uma mulher que se envaidece diante do espelho. São frequentes também os diabos pretos e vermelhos, duas cores que vêm diretamente do inferno, caracterizando as trevas e as chamas. O Diabo as carrega sobre si, contribuindo para torná-las ainda mais maléficas. São quase sempre magros e estão nus, cobertos de pelos, sempre repugnantes. Têm um rabo e duas asas (de morcego) que lembram sua condição de anjos caídos. Seus pés bifurcados parecem os de um bode. Suas cabeças são enormes e escuras, dotadas de chifres pontudos e cabelos eriçados, que evocam as chamas do inferno.

Ainda segundo Link (1998), quanto à significação do vocábulo “diabo”, percebemos que a palavra “satã” existia antes da palavra “diabo”. A palavra “satã”, fazia referência a um título, um posto e, por conseguinte, menção ao ocupante de tal posto, significando, então, inspetor ou promotor. Já com a palavra “diabo”, usavam-na para significar acusador, difamador:

Nos dias de hoje não existe nenhuma diferença entre os nomes diabo e satã, porém no princípio a palavra satã existia antes da palavra diabo. Satã é uma palavra de origem hebraica e diabo uma palavra de origem grega que não significam a mesma coisa (LINK, 1998, p. 24).

Outra palavra usada para denominar o diabo, sempre representado com um ser monstruoso e hediondo, é o nome Lúcifer, que mais uma vez não é nome de ninguém; significa “o que leva a luz”, a estrela da manhã que aparece radiante no céu e chama a humanidade para seus afazeres diários. Para Link (1998), essas palavras, *diabo* e *satã*, tinham significado diferente até trezentos anos antes de Cristo, conforme visto anteriormente. Ao verterem o antigo testamento para o grego é que os judeus alexandrinos torna-os um só nome embora não tenham o mesmo significado.

Criatura da teologia e de tradições pictóricas estranhamente ligadas; criatura com uma história longa e intrínseca, o Diabo não tem uma imagem fixa. Ele tanto pode ser um Godzilla, como um Pã desvirtuado; pode ser tanto um micróbio quanto um anjo caído. E pode ser mais: uma peste peluda, com ou sem asas, com ou sem chifres, com ou sem cascos fendidos, feroz ou cômico. Podemos dizer que o Diabo parece ser mesmo um caleidoscópio que, a cada época, em cada cultura, foi visto de uma forma singular a partir de combinações variadas.

A representação do Diabo como um micróbio é de longe a mais comum das formas até meados do século XV. É peludo, tem chifres, mas não cabelos flamejantes. Em geral, ele não é alado e com frequência é cômico. Sob esta forma, a figura do Diabo em nada contribui para a elevação da função da Igreja e da missão de Jesus na terra por se tratar de uma imagem utilizada nas artes com a finalidade de divertir o público. Como anjo caído, o Diabo foi o mais brilhante dos anjos. O favorito de Deus foi criado por Ele exatamente como criara os demais anjos. Sua queda deve-se a sua recusa em obedecer ao Criador. Seu pecado teria sido o orgulho ou a luxúria. Assim como os homens, os anjos também possuem o livre-arbítrio para escolher entre o bem e o mal. Muitos anjos perverteram-se e violaram a ordem apropriada das coisas, cederam a impulsos sexuais e tiveram relações sexuais com mulheres, dando origem a uma raça corrompida, filhos chamados de demônios que são a causa de assassinatos, adultérios e todos os males da humanidade.

Assim, sendo o Diabo tanto um micróbio como um anjo caído, como poderia era apenas uma abstração, não um caráter; não tinha um sentido convincente de pessoa com força do mal, era apenas um homem com uma máscara. Não pode ser considerado uma

imagem. Sendo uma criação cristã, só pode representar o mal, pois assim a Igreja o definiu. Só é mau segundo o define qualquer seita cristã em interesse próprio.

Como já dissemos, a aparência do Diabo quase sempre foi determinada pelo costume trajado para personificá-lo. O Diabo é apenas um costume, mesmo que se tenha tornado inseparável da pele daqueles que o usam, seja como inimigo ou colaborador de Deus. Para Link (1998), o Diabo é uma extraordinária mistura de confusões. Não existe um conceito de Diabo. Isto porque a figura do diabo é tão somente uma forma de personificação da tendência pecaminosa inata à raça humana. Não é o Diabo o nosso inimigo e sim o pecado, pecado que devemos resistir, um adversário a ser vencido.

De acordo com Magalhães e Silva, (2013), como elemento constitutivo de muitas narrativas dispersas no imaginário cultural é na cultura popular, fortemente religiosa, que se deu a grande representação do Diabo. É dentro dessa cultura popular, cristã e pagã, que ele passará a ter força na arte. Sendo assim, ao captar as diversas formas da cultura popular que concernem às representações do demoníaco, a arte serviu aos interesses da Igreja, uma vez que presta uma significativa ajuda na instituição da pedagogia do medo, quando mostra o Diabo como ser horripilante e maléfico em oposição ao Deus do bem. Isso, todavia, não quer dizer que não encontremos, em meio às imagens do demoníaco presentes na cultura popular, representações de um Diabo mais bondoso, cômico e integrado à divindade.

No Brasil, por exemplo, já que nosso *corpus* pertence à literatura brasileira, a luta entre o “céu” e o “demo” acompanha a história do país desde as origens. Em uma mistura das raízes europeias com as indígenas e as africanas, são difundidas aqui bruxarias, feitiçarias e artes mágicas. Já à época do seu descobrimento, o Brasil era visto, por alguns colonizadores, como terra dos pagãos e considerada domínio de Satanás. Os sacerdotes das religiões nativas foram rotulados de feiticeiros e agentes do Diabo. Frei Vicente do Salvador (1564-1635), nosso primeiro historiador, dizia que o próprio nome Brasil simbolizava as brasas do fogo do inferno, e o padre Anchieta relatava em 1560: “Há certos demônios aqui, a que os índios chamam Curupira, que os atacam muitas vezes no mato, dando-lhes açoites e ferindo-os bastante” (REVISTA DE HISTÓRIA, 2010, p. 24).

Ainda de Anchieta, quando lemos o *Auto de São Lourenço*, percebemos que os portugueses, ao chegarem à “terra descoberta”, se deparam com valores, crenças, normas e manifestações artísticas próprias dos habitantes da nova terra que não condiziam com os costumes e tradições lusos, razão por que demonizaram a cultura

nativa e difundiram entre os indígenas o horror ao pecado, o qual é logo associado à figura do demônio. Aqueles que não seguissem a lei cristã teriam como destino o fogo eterno que era enviado pelo Senhor para abrasar as almas. Com essa atitude de desrespeito à cultura do outro, os colonizadores procuraram incutir na mentalidade dos nativos o medo, o pavor e converter Aquilo que era natural em algo que devia ser temido e abolido de seu modo de vida.

Que lancemos fora nossa maldade,
 Não acreditando nos pajés,
 Em danças, rodopios
 Com feitiços.

A boa crença em Deus
 De teu coração não se desprende.
 Que acreditemos, junto a ti,
 Em nosso pai verdadeiro, Jesus. (ANCHIETA, 1999, p.119).

Nos trechos acima, podemos observar que os nativos da nova terra são considerados feiticeiros, seguidores do demônio. Esses tais demônios eram nada mais que os próprios índios, representados no auto pelas figuras de Ambirê, Guaixará e Saravaia, que se recusaram a aceitar a proposta civilizadora e messiânica portuguesa. Há a tentativa de incutir na mentalidade deles a religião praticada pelos europeus como sendo a ideal, aquela que deve ser seguida em uma clara tentativa de apagamento da cultura nativa. A responsabilidade atribuída ao Diabo não passa de uma forma de imposição dos conceitos da cultura europeia e o intuito por parte dos portugueses de propagar a fé católica em detrimento da cultura indígena.

A condenação dos três diabos representa a queima e aniquilação de todo antigo costume dos índios, uma vez que estes costumes são lidos pela religião cristã como práticas pecaminosas que devem ser combatidas pela conversão e aceitação da fé católica. O bem passa a ser representado pelos ditos “civilizados” (portugueses), o mal pelos selvagens (índios). Estes para alcançarem a salvação terão que abdicar de suas crenças em favor da crença do colonizador.

No Auto, São Lourenço é apresentado como figura simbólica do amor de Deus, representante de um Deus católico que veio salvar o pecador. Os índios estavam corrompidos pelo pecado, representantes do Diabo, ao qual cabe o papel de vilão, subversivo, propagador do mal. É um auto que está impregnado da ideologia cristã europeia, a qual rompe com a harmonia que existia entre os índios e a natureza.

Segundo reportagem da revista HISTÓRIA DA BIBLIOTECA NACIONAL

(2010) no artigo Feitiçaria Diabólica, dentro do imaginário misógino ocidental, as bruxas e feiticeiras e, por extensão, o sexo feminino são as mais fiéis representantes do Diabo na terra, fazendo com que o Diabo ocupe cada vez mais o centro da cena. O Diabo sempre dedicou especial atenção às mulheres porque estas eram consideradas supersticiosas, sensuais, mentirosas, voluptuosas e fáceis de seduzir. Sendo assim, as mulheres atenderiam de forma bastante eficaz as pretensões diabólicas para a infestação do mal na humanidade.

A feitiçaria sempre foi um dos maiores inimigos da Igreja e atrelada a isto está a relação do demônio com as mulheres. De acordo com os tratados de demonologia, um dos elementos mais importantes a serem detectados para descobrir o pacto é a cópula, encontrando nas mulheres o perfil ideal para concretização desta aliança. “Em sua interminável caça de almas, Satã teria encontrado no descomedimento sexual a forma menos trabalhosa de apanhar as mulheres em sua armadilha”. (COUSTÉ, 1996, p.40).

As mulheres são vistas como aliadas do diabo e submissas ao homem. E a razão para essa submissão feminina é apresentada pela doutrina cristã à própria criação, por ser a mulher responsável pela introdução do pecado e condenação dos homens, bem como aos tormentos deste e do outro mundo. A mulher é ao mesmo tempo vítima e parceira consciente do diabo. “A associação entre a mulher e o diabo é frequente na iconografia da era moderna” (Revista História da Biblioteca Nacional, 2010, p. 19).

A mulher supera o homem em superstição, sensualidade, mentira e frivolidade; e, em seu desejo de vingança, como não possui força física, busca a aliança com o diabo; com seus encantos tem também o meio de satisfazer sua lubricidade vindicativa (COUSTÉ, 1996, p. 238-239).

Sendo o Diabo um bom conversador, gentil e galante, não seria difícil para ele desempenhar o papel de conquistador de um ser tão volúvel e de fácil sedução como eram as mulheres dentro do pensamento patriarcal. No discurso religioso, há, pois, uma demonização muito maior do sexo feminino. A submissão feminina ao Diabo, segundo o discurso religioso, é a razão da condenação dos homens, já que a mulher foi, conforme os preceitos religiosos, responsável pela introdução do pecado no mundo e pela queda do homem do Paraíso. Sendo assim, o demônio estava solto e a mulher era perigosa porque susceptível às ações dele: “Se fôssemos fazer uma metáfora disso no corpo humano, os homens são o alto, e as mulheres são o baixo; e o Diabo gosta de entrar por baixo” (REVISTA DE HISTÓRIA, 2010, p. 35).

A representação do demônio, em qualquer que seja o meio discursivo, assim

como outras representações, é sempre produto da História. Como uma construção discursiva perpassada pelas ideologias e valores sociais e culturais de uma determinada época, o Diabo emerge como um ser de forma aparente, de caráter momentâneo, além de ser pintado como monstruoso ou atraente. Se nos remetermos aos tempos medievos, observaremos que muitas foram as formas escolhidas para representá-lo, as quais, em sua maioria, sempre fizeram questão de ressaltar o seu aspecto não só monstruoso, apesar de esta ser a forma de representação mais constante do Diabo na imaginação humana, mas também, maravilhoso, inteligente e angelical.

Para Cousté (1996) sob esse último aspecto, o de sua natureza angelical, podemos entender por que, para alguns, o Diabo é visto como a dor de Deus. Na medida em que amou Satã até o extremo de fazer dele a mais bela e luminosa de suas criaturas e na medida em que, apesar disso – ao haver-lhe dotado de livre arbítrio –, não pôde impedir sua queda, Deus passou a sofrer por seu anjo imediatamente depois de tê-lo condenado. Desterrado da relação de puro amor que havia presidido sua criação e sua vida na glória, o Diabo foi condenado precisamente ao mais atroz dos castigos: o da incapacidade de amar. Deus, antes de criar o mundo, produziu um espírito semelhante a Ele, cumulado com as virtudes do Pai. Depois fez outro, no qual a marca da origem divina se apagou porque foi manchada com o veneno da inveja, e assim passou do bem ao mal. Sentiu ciúmes do irmão mais velho que, unido ao Pai, assegurou o afeto Deste. Este ser que de bom se fez mal é chamado de Diabo.

Outra grande perda do Diabo após sua queda foi a interrupção ou a redução no processo de conhecimento. Por falta de conhecimento, tem como atitude básica imitar a Deus, tornando-se caricatura do Criador. Essa imitação é possível a partir do que conheceu de Deus antes da sua queda e através do conhecimento humano. Porém isto não o torna completamente ignorante, mas suas artimanhas são previsíveis, já que o homem é dotado do poder do conhecimento:

Nada enfurece tanto o Diabo neste mundo do que ser descoberto em suas trapaças, porque isso recorda sua imperfeição essencial, sua natureza como caricatura de Deus. Não obstante – e talvez porque o fira em ponto tão fundamental –, toda a sua fúria e vã nestes casos, pois ao ser posto em evidência perde todo o seu poder. Humilhado, pega as suas trouxas e sai de circulação; volta para as sombras, a fim de preparar em outro tempo e lugar uma nova edição de sua obra infinita: a imitação do homem, que lhe permitirá estabelecer-se algum dia – definitivamente despercebido – em toda a superfície da terra (COUSTÉ, 1996, p. 56).

A existência dos anjos é uma forma de assegurarmos que Deus existe. Os anjos

são, pois, como o sol e a lua, o reflexo impessoal da presença divina, em sua versão moderada e gloriosa, Daquele cuja manifestação não teríamos podido suportar. Lúcifer – a Estrela da Manhã, a obra-prima do Criador, na qual Deus concentrou todas as expectativas de sua taumaturgia – era, em todo tempo e lugar, o chefe supremo dos anjos antes que sua queda dividisse para sempre o grêmio dos intermediários. Em nenhum lugar, ao que sabemos, ouvimos dizer que essa queda tenha arrasado qualquer das potestades que Satã e suas hostes adquiriram no tempo original. Afastados da graça de Deus, os demônios são, sem dúvida, tão anjos quanto os seus irmãos celestes. Mensageiros de ofício e vocação, cumprem como uma tropa de férrea disciplina as ordens do chefe.

Além da representação como um anjo caído, os discursos e imagens sobre o demônio parecem trazer consigo, ainda que de forma tênue, alguns pontos em comum, que atravessam os séculos, sobre aquele para o qual tais discursos e imagens se voltam. Para o pensamento sistemático, as representações em torno do diabo são fomentadas porque há uma necessidade de explicar a existência do mal e dar sentido aos permanentes dilemas da vida. No entanto, para as sensibilidades menos presas às ortodoxias religiosas cristãs, a figura do demônio existe como uma forma de propiciar a coerência entre a fé em um único Deus e a dispersão dos *daimon* herdados de um fundo ancestral. Para muitos outros, todavia, o diabo é apenas a nossa mais primitiva manifestação do medo com que a vida a todos atormenta:

Satanás é uma metáfora. Nós entendemos os trabalhos do Diabo por experiência psicológica, pois eles se manifestam em nossas próprias mentes. Satanás é a personificação do obstáculo que afasta a humanidade de Deus, que é a nossa própria tolice e pecado (RUSSEL, 2003, p. 57).

Todavia, apesar dos vários discursos e formas de representação do diabo, fenômeno de caráter essencialmente histórico, a estruturação das imagens, em torno da figura do demônio no Ocidente Cristão, está diretamente relacionada à tradição religiosa hebraica, já que esta foi a responsável pela gestação do diabo como o arquétipo do Grande Inimigo. Embora, inicialmente, os primitivos hebreus não tenham tido a necessidade de corporificar uma entidade maligna, o momento decisivo para a formação de uma hierarquia demoníaca foi o cativeiro na Babilônia, no século VI ac. Os caldeus desenvolveram uma demonologia bastante acentuada na qual são feitas menções a legiões de entidades semidivinas, representadas a partir de formas intermediárias entre o

homem e o animal, que não eram necessariamente espíritos malignos. Tal contato com as representações dessas legiões fomentará as condições para a criação de personalidades que integrarão o não mais inexistente cortejo demoníaco cujo comando ficará ao encargo de Lúcifer – o astro da manhã, o filho da aurora, a estrela Vênus.

Durante a época helenística, ocorre a sistematização coerente do *agente do mal*, que desempenhará, por séculos, um papel fundamental na consciência do homem europeu. No *Testamento dos doze patriarcas* (109-106 ac.), por exemplo, é feita, pela primeira vez, a menção direta e clara à figura do demônio personificado na imagem de Belial, chefe dos anjos caídos, adversário e rival de Deus na disputa pela soberania sobre os humanos.

Dentro do Cristianismo, as ideias sobre o demônio são tributárias, sem muita reformulação, do que se pensava sobre o Mal no judaísmo. Sendo assim, o demônio é o grande inimigo de Deus e tem como único objetivo impedir que os homens integrassem a religião cristã. Dentro dessa lógica, o universo é dividido em dois grandes reinos: o de Deus, resplandecente de luz, e o do Diabo, alimentado pelas trevas. O Diabo é, pois, representado como o anjo caído que, tendo se insurgido contra Deus, inclusive, incitando outros anjos à desobediência, foi precipitado do Paraíso Celeste: “O cristianismo é o principal responsável pela força do Diabo no mundo, pois é justamente nele que as representações e projeções do Diabo encontrarão um singular avanço na cultura e civilização”. (MAGALHÃES E SILVA, 2012, p.278).

Expulsos, ao Diabo e os anjos que lhe acompanharam na queda, não restava outro lugar a não serem as trevas, precisamente acima da terra, de onde Satã empreende um infundável combate contra os cristãos que deveriam estar sempre vigilantes a fim de não sucumbirem às artimanhas e aos encantos do Mal, já que, no eterno embate com Deus, Satã estava sempre à espreita e intentava, amiúde, capturar o maior número possível de almas para seu reino infernal. No entanto, como o Diabo tem suas limitações, ele não pode obrigar ninguém a fazer aquilo a que, por natureza ou circunstância, o sujeito já não estivesse de algum modo disposto.

Para invocar o Diabo, são indispensáveis certas precauções. Em primeiro lugar, além das conjurações e fórmulas necessárias, deve-se fazer algum sacrifício animal, já que Satã gosta de ser tratado como uma deidade, caráter esse que o sacrifício comporta. Como os demônios são ansiosos e vorazes, não ficam quietos durante o pouco tempo que permanecem em presença dos seres humanos que os invocam, é preciso que a dispersão deles seja centralizada. Para tanto, deve-se oferecer-lhes qualquer coisa de

que se esteja bem provido (pães, botões, cabelos etc). Os demônios são dados a conhecer apenas aqueles que os invocaram. A marca de que se é um firmador de um pacto diabólico é a ausência de sombra, detalhe por que se reconheceriam os signatários do Diabo.

Como o Diabo podia estar em qualquer coisa ou em qualquer pessoa, tudo era suspeito e perigoso, o que exigia dos cristãos cuidado para não cair nas armadilhas do mestre do disfarce. Pululam, pois, imagens que associam o Diabo e os seus demônios a um homem galante, ou a uma bela mulher, incitando os mortais à luxúria; ou a um padre, um mercador. Além dessas formas, Satã é pintado como frequentemente negro ou escuro, já que é o Príncipe das Trevas, e é capaz de assumir qualquer disfarce, seja sob a forma humana, seja sob a forma animal.

Dentre as formas animais, no do imaginário cristão, afirma-se que o Diabo guarda especial preferência pela encarnação sob a forma do bode. Este animal, de aspecto feroz e provocativo, com seus chifres, barba grande e eriçada, pelo áspero, desordenado e patas curtas, possui um corpo que está tão bem adaptado à deformação e à obscenidade que não se poderia desejar uma forma mais adequada, exterior e interiormente, para servir como representação demoníaca. Todavia, muitas outras figuras animais têm servido como representação das manifestações do Diabo, entre as quais estão o abutre ou o gato de penetrante odor de enxofre. Sem qualquer dúvida, porém, sob o ponto de vista teológico e cosmogônico, a proto-encarnação do Diabo é a serpente ou – mais poderoso e mitológico ainda – o dragão, que é sua variante emblemática.

Dado o caráter proteiforme de Satã, as consciências cristãs são dominadas por um verdadeiro horror diabólico contra o qual é elaborado um rígido código moral e uma metodologia de combate que implicava uma investigação sintomatológica rigorosa a fim de estabelecer as fronteiras de atuação, as motivações e os agentes humanos que eram portadores da vontade e da mensagem do Mal. Todavia, não podemos esquecer que a história do Diabo confunde-se com a história do próprio Cristianismo. Eram necessárias para a coletividade cristã a existência e a encarnação do Mal, daí por que este precisava ser visto, tateado, tocado para que o Bem surgisse como a graça suprema.

Nesse sentido, a existência do Diabo é boa; sua maldade resulta do mau uso, ignorante de seu livre-arbítrio. Seu motivo é inveja de Deus e da humanidade. Mas, como dito anteriormente, o Diabo não é somente o inimigo de Deus; ele é “servidor” e “protetor” de Deus. Deus permite que ele nos tente, para nos ajudar a distinguir entre

virtude e pecado, para permitir-nos alcançar a virtude pela luta, nos ensinar humildade, habilitar-nos a discernir e odiar a maldade e ensinar-nos a dependência da força de Deus. Consoante, Magalhães e Silva (2012), para José Saramago, o mais certo é que Satã não seja mais que um instrumento do Senhor, o encarregado de levar a cabo os trabalhos sujos que Deus não pode assinar com seu nome. Sendo assim Deus e o Demônio são duas faces de um mesmo ser.

A existência e a atividade do Diabo são, portanto, toleradas por Deus onipotente para os Seus próprios propósitos, os quais têm um sentido positivo, o de agente tentador, pois força o homem a optar, criando oportunidades de elevação moral. Enfim, por meio de seu agir, o Diabo possibilita que o mal aconteça para alcançar um bem maior e extrair bondade da maldade humana. Maldade causada por um defeito ou distorção precedido na natureza do homem que será quebrado por Deus, pois Este está acima de todas as coisas, sendo, portanto o começo, o meio e o fim.

A alma do homem é verdadeiramente propensa a maldade. Deus é compassivo e misericordioso, mas Ele também é justo, e justo é que o pecador sofra. Até mesmo esses cujas vidas são dedicadas a Deus suportam sofrimento como um teste (RUSSEL , 2003, p. 50).

Logo, o Diabo não tem nenhuma existência independente. Deus o criou, permitiu que ele caísse e que continuasse a ser ativo no mundo mesmo depois da queda. Tudo isso faz parte dos planos de Deus para o Cosmos. Satanás nos tenta à heresia, apostasia e idolatria. Ele urge avareza, disputa, bebida, glotonaria e jogo, e nos leva a ignorar nosso dever com Deus e nos induz a seguir falsos profetas. Usa o medo como também palavras lisonjeiras, mantendo-nos em submissão quando as tentações falham. A deslealdade dele é ilimitada, e no fim ele até mesmo abandona os seus seguidores na ruína. Age assim porque “O Diabo, motivado por orgulho e decepção, está sempre atento para contrariar o plano de Deus para a salvação do mundo” (Russel, 2003, p. 56).

Todavia, à parte todo o seu poder, Deus tenta com a comodidade da ignorância e a conseqüente sorte cega e está sempre ganhando. O Diabo, com menos recursos, e com uma proposta de ambíguos resultados, não se sai sempre exitoso. Embora muitas sejam suas vitórias, e a realidade cotidiana é o melhor exemplo de sua eficácia, muitas são também as suas derrotas, às vezes, inclusive, nas mãos dos mais precários contendores. Aliás, dentro do imaginário cristão, parece-nos, e os contos aqui a serem analisados confirmarão, no embate entre Deus e o Diabo, este vai sagrar-se sempre como o

perdedor, o derrotado.

Capítulo II

O DIABO DE MACHADO DE ASSIS:

ESTUDO ANALÍTICO

“- Senhor, eu sou como sabeis, o espírito que nega”.

Machado de Assis

“- Sim, sou o Diabo. Não o Diabo das noites sulfúreas, dos contos soníferos, terror das crianças, mas o Diabo verdadeiro e único, o próprio gênio da natureza”.

Machado de Assis

O diabo em três tempos: o discurso machadiano sobre a teologia diabólica

Procurando explicações sobre o comportamento humano, Machado de Assis abastece o imaginário do leitor através da ficção, ao mesmo tempo em que procura situá-lo no limiar do real e o faz adicionando a esta ficção visões do mundo e percepções da realidade que são representadas pela figura do Diabo nos contos “Adão e Eva”, “A Igreja do Diabo” e “Sermão do Diabo”. Inicialmente, analisaremos o conto “Adão e Eva” que pode ser lido como uma paródia sobre a criação do mundo, mais especificamente este texto machadiano pode ser visto como uma recriação da narrativa da queda do homem do paraíso divino.

Antes, porém, ressaltaremos que os narradores machadianos dos contos que, aqui, serão analisados se utilizam da figura do Diabo, sobretudo, para retratar os conflitos existenciais da humanidade. Diferente do que costumamos ver, a imagem que se tem do demônio em tais contos não é a de um ser que assombra e amedronta, um ser horrendo com chifres e rabo, mas a corporificação do próprio homem em seus aspectos mais sombrios. Sempre marcado pela dualidade e, portanto, dividido entre o bem e o mal, o certo e o errado, o feio e o bonito, o homem demonstra todo seu lado contraditório, vivenciando, assim, um dilema existencial para o qual o Diabo surge como uma das representações possíveis.

O narrador do conto Adão e Eva é o juiz-de-fora, nome bastante sugestivo – alguém que está de fora, com autoridade de Estado, mas que não representa nenhuma instituição religiosa, podendo opinar sem que sofra nenhum tipo de represálias acerca dos ensinamentos bíblicos defendidos pela Igreja e também não tem nenhum comprometimento com esses ensinamentos:

Consultado, o juiz-de fora respondeu que não havia matéria para opinião; porque as cousas no paraíso terrestre passaram-se de modo diferente do que está contado no primeiro livro do Pentateuco, que é apócrifo. Espanto geral, riso do carmelita que conhecia o juiz-de fora como um dos mais piedosos sujeitos da cidade, e sabia que era também jovial e inventivo. (ASSIS, 2002, p.2).

A ambientação do conto é em um engenho na Bahia, na sala de jantar de D. Leonor, senhora distinta e de posses, em terra de grandes engenhos, a qual parece representar a sociedade capitalista, sempre rodeada de farturas e riquezas: “uma senhora

de engenho, na Bahia, pelos anos de mil setecentos e tantos, tendo algumas pessoas íntimas à mesa, anunciou a um dos convivas, grande lambareiro, um certo doce particular” (ASSIS, 2002, p. 2). O fato de todos estarem à mesa pode ser lido com uma alegoria à santa ceia vivenciada, segundo as escrituras, por Jesus e seus apóstolos. Dentre os convivas, estão Frei Bento – representante da Igreja católica, que não se manifesta sobre o assunto abordado, se dá ao direito de calar, não comprometendo a instituição da qual é membro. Quem fica incumbido de se pronunciar acerca do tema do jantar é, conforme já dissemos, o juiz-de-fora, o Sr. Veloso.

Na narrativa contada pelo juiz-de-fora, o mundo fora criado pelo Demônio e não por Deus. Este apenas cuidava em reparar os erros que aquele deixara na obra que criara: “Foi o Tinhoso que criou o mundo; mas Deus, que lhe leu no pensamento, deixou-lhe as mãos livres, cuidando somente de corrigir ou atenuar a obra, a fim de que ao próprio mal não ficasse a desesperança da salvação ou do benefício” (ASSIS, 2002, p. 2). Interessante notar que nos contos, embora o Diabo queira para si o protagonismo da criação, ele apenas age conforme os desígnios de Deus. Este assiste aos mandos e desmandos do Diabo, intervindo apenas quando se fizer necessário. Afinal, o Diabo tem apenas poder de criatura, poder limitado, permitido por Deus. Se assume o papel de protagonista ao criar o mundo, cria-o à base de imperfeições, de modo que é preciso que Deus arvore-se da missão de aperfeiçoar a obra criada pelo Diabo. Neste caso, este traz na imperfeição o seu traço mais singular quanto Deus é representado como o dono absoluto da perfeição.

Ainda em *Adão e Eva*, quando o Demônio cria o homem e logo depois a mulher, cria-os belos, mas sem alma. É Deus quem tem a incumbência de insuflar-lhes com um sopro a alma e os sentimentos nobres, puros e grandes. Este fato torna-os submissos a Deus e mostra que, mesmo querendo imitar Deus, o Diabo só o faz pela metade, pois suas ações são marcadas pelo signo da incompletude, da falta quando não da falha, o que é sempre reiterado pelas sucessivas ações do Diabo na ânsia de sair da sombra divina e ocupar o lugar do criador. Deus e o Diabo acabam sendo partícipes no processo de criação do mundo e do ser humano. Diferente do que está nas escrituras, em que Adão e Eva desobedecem à ordem divina e comem do fruto proibido, no conto em análise, não há transgressões às regras impostas por Deus. Logo, não há pecado:

[...] no sexto dia foi criado o homem, e logo depois a mulher; ambos belos, mas sem alma, que o Tinhoso não podia dar, e só com ruins instintos. Deus infundiu-lhes a alma, com um sopro, e com outro os sentimentos nobres, puros e grandes. (ASSIS, 2002, p. 3).

Antes de infundidos de bons sentimentos, Adão e Eva traziam consigo os sentimentos ruins, sentimentos próprios de seu Criador: o Demônio. Quando Deus os purifica com bons sentimentos, purifica também suas almas e obtém com isso a gratidão eterna de ambos que resistem à tentação do Tinhoso. Este é apresentado na pele da serpente, no conto *Adão e Eva*, como assim na representação que dele é feita nas sagradas escrituras. Como símbolo popular da traição, falsidade e morte, a serpente (Diabo transfigurado) principiou a história das desventuras familiares. Eva foi o instrumento utilizado pelo Diabo para destruir a criação divina. Em consequência deste fato, a mulher é eleita como símbolo do pecado e da feitiçaria e, por isso, deve ser subjugada para não comprometer a sociedade idealizada pela Igreja. Essa visão da mulher será de uma mulher “devassa”. Tendente à depravação, sendo constantemente associada à figura do maligno, vista como auxiliar na obra da sedução e condução dos homens para o “inferno”, a mulher, dentro dessa lógica, configura-se, na terra, como agente de Satã:

– Porque escutaste a voz de tua mulher e comeste da árvore que eu te proibira de comer, maldito será o solo que cultivas: com fadiga tirarás dele teu alimento; espinhos e cardos criará a terra e comerás a erva do campo. Comerás o pão com o suor do teu rosto, até que retornes ao solo, pois dele foste tirado. Pois tu és pó e ao pó tornarás. (A BÍBLIA DO JOVEM, 1989, p. 26).

Por representar o pecado, a serpente é também símbolo do mal, o vírus do mal, tudo de ruim que existe na vida terrena, os males do mundo, muitos dos quais são transmitidos por vírus. O próprio Demônio muitas vezes é representado como vírus ou micróbio. Assim ao ser associada à serpente, a mulher também ficou predestinado a representar o pecado:

Vai, serpe das minhas entranhas, flor do mal, e se te sairés bem, juro que terás a melhor parte na criação, que é a parte humana, porque terás muito calcanhares de Eva que morder, muito sangue de Adão em que deitar o vírus do mal... Vai, vai, não te esqueças... (ASSIS, 2002, p. 4).

Mas, diferente do que está nas escrituras sagradas, no conto *Adão e Eva*, esta resiste à tentação da serpente que entra no paraíso a serviço do Tinhoso, oferecendo-lhe todas as maravilhas terrenas, até mesmo a de se tornar mais tarde a mãe do Salvador. “A serpente promete a Eva não o conhecimento, mas o poder sobre a terra”. (MELO,

2005 p. 147). Resistida à tentação, Adão e Eva são recompensados com o direito ao Paraíso Celeste e à vida eterna, sem que tenham que passar pelos tormentos da vida, sem que tivessem sentido o peso do pecado. Entendem que a verdadeira felicidade não está no paraíso terreno, mas no paraíso celeste ao lado de Deus.

– Entrai, entrai. A terra que deixastes, fica entregue às obras do Tinhoso, aos animais ferozes e maléficos, às plantas daninhas e peçonhentas, ao ar impuro, à vida dos pântanos. Reinará nela a serpente que rasteja, babuja e morde, nenhuma criatura igual a vós porá entre tanta abominação a nota da esperança e da piedade. (ASSIS, 2002, p. 5).

No desfecho do conto *Adão e Eva*, percebemos, no entanto, que tudo que foi narrado na verdade não aconteceu, que tudo não passa de uma enorme brincadeira e que esta confusão é apropriada porque é contraditório e carece de sentido. Este sentido está na visão pessimista e irônica que vai estar sempre em boa parte dos contos analisados. Segundo tal perspectiva, o discurso narrativo dos contos em comento reitera que o homem é um ser corruptível, avesso à resistência às tentações terrenas e isso é fundamental para que voltemos às histórias sagradas e tomemo-las como objeto de crença e devoção ou como simples histórias passadas em tempos remotos.

Dito de outra forma, se o mito da queda não tivesse de fato acontecido como decorrência da desobediência de Eva às ordens divinas, perspectiva essa aventada pelo discurso machadiano, não restariam aos homens as contradições (molas-precursoras da mudança). Os homens estariam a salvo de sua origem maligna, e não haveria histórias, não existiria a humanidade, não haveria o pecado. Sem este, não existiria o homem cuja natureza mais profunda parece ser a propensão ao pecado:

E o juiz-de fora, levando à boca uma colher de doce: - Pensando bem, creio que nada disso aconteceu; mas também, D. Leonor, se tivesse acontecido, não estaríamos aqui saboreando este doce, que está, na verdade, uma cousa primorosa. É ainda aquela sua antiga doceira de Itapagipe? (ASSIS, 2002, p. 5).

Desse modo, se Adão e Eva não cometeram pecado e, portanto, não precisaram ficar na terra para expiar as culpas que não cometeram, indo direto para o céu, a terra teria ficado entregue ao Tinhoso, aos animais ferozes e maléficos, às plantas daninhas e peçonhentas, ao ar impuro, à vida dos pântanos. Sendo assim, nosso planeta, a nos guiarmos pelo discurso do narrador machadiano, configurar-se-ia como lugar eminentemente de maldades, perversões e imperfeições. No entanto, cabe a Satanás a

missão de punir os pecadores. Dessa maneira, o demônio é ludibriado, uma vez que o seu agir acaba tornando-o um colaborador divino. Quem consegue resistir à tentação alcança a vida eterna como recompensa. Deus deixa o demônio agir para recolher os homens que estão perdidos. “Deus permitiu as ações do Diabo, pois lhe leu no pensamento, deixou-lhe as mãos livres”. (MELO, 2005, p. 146).

Prosseguindo em nossa busca pelos rastros do demoníaco na contística machadiana, após criar o mundo no conto “Adão e Eva”, o Diabo, em “A Igreja do Diabo”, decide fundar sua igreja. A construção de tal obra era para a glorificação de si mesmo, uma vez que o Diabo queria sentir-se superior a tudo e a todos, mas não se apercebia de que seu poder era restrito e diminuto. Sua Igreja negaria todas as regras e convenções e por isso reinaria suprema. Negando todos os dogmas religiosos, seria o Diabo o ser mais poderoso da terra, conquistaria todos os fiéis e sua igreja se tornaria única. Este seria o meio mais eficaz de combate às outras religiões que se dividem e se combatem. “Por que não teria ele a sua igreja? Uma igreja do Diabo era o meio mais eficaz de combater as outras religiões, e destruí-las de uma vez”. (ASSIS, 2007, p. 9). Destruídas todas as outras religiões, a Igreja do Diabo alçava pra si todos os brados de triunfo. Negar tudo que se afirmava até agora seria o diferencial para conquista de todos os fiéis. E assim o foi até o dia em que o Diabo descobre que seus fiéis voltaram a praticar as antigas virtudes. Isso o deixa furioso porque ele não contava com as contradições que marcam o ser humano. Na ânsia por poder, glória, o Diabo, ingenuamente, esquece-se de que o ser humano é nascido sob o signo da contradição. Por não contar com tal singularidade humana, o Diabo vê o seu auspicioso projeto de glória ruir:

Um dia, porém, longos anos depois notou o Diabo que muitos dos seus fiéis, às escondidas, praticavam as antigas virtudes. Não as praticavam todas, nem integralmente, mas algumas, por partes, e, como dizem, às ocultas. Certos glutões recolhiam-se a comer frugalmente três ou quatro vezes por ano, justamente em dias de preceito católico; muitos avaros davam esmolas, à noite, ou nas ruas mal povoadas; vários dilapidadores do erário restituíam-lhe pequenas quantias; os fraudulentos falavam, uma ou outra vez, com o coração nas mãos, mas com o mesmo rosto dissimulado, para fazer crer que estavam embaçando os outros. (ASSIS, 2007, p. 14).

Estas antigas virtudes que voltam a ser praticadas pelos fiéis são comparadas às capas de veludo que o Diabo havia transformado em franjas de algodão, que são desmanchadas ao serem puxadas, em uma alusão à transformação das virtudes em vícios. Quando o homem volta a praticar as antigas virtudes, as capas com franjas de

algodão têm agora franjas de seda numa alegoria à eterna contradição humana, a eterna divisão do homem entre o bem e o mal: “Que queres tu, meu pobre Diabo? As capas de algodão têm agora franjas de seda, como as de veludo tiveram franjas de algodão. Que queres tu? É a eterna contradição humana”. (ASSIS, 2007, p. 14).

Também as capas de veludo podem representar o homem ao nascer, puro, inocente, sem pecado; ao crescer, este se transforma em franjas de algodão, volúvel, corruptível e, ao envelhecer e morrer, as franjas de algodão se transformam em franjas de seda, pois volta ao seu estado anterior de pureza e inocência, arrependendo-se de todo mal praticado e alcançando, segundo a moral cristã, a redenção eterna. Símbolo desta pureza e inocência, podemos encontrar no ancião, que por sua vez simboliza a sabedoria, adquirida através de sua experiência, recolhido aos céus no exato momento em que o Diabo comunica a fundação de sua Igreja a Deus:

Deus recolhia um ancião, quando o Diabo chegou ao céu. Os serafins que engrinaldavam o recém-chegado detiveram-no logo, e o Diabo deixou-se estar à entrada com os olhos no Senhor. Esse mesmo ancião depois de uma vida honesta, teve uma morte sublime. Colhido em um naufrágio, ia salvar-se em uma tábua; mas viu um casal de noivos, na flor da vida, que se debatiam já com a morte; deu-lhes a tábua de salvação e mergulhou na eternidade. Nenhum público: a água e o céu por cima. Onde achas aí a franja de algodão?. (ASSIS, 2007, p. 9-11).

O Diabo se vale da instabilidade atribuída ao homem para fundar sua igreja e tomar para si toda a humanidade oferecendo tudo o que até então a ela era proibido. Para isso, o ser maléfico, ou como diz o próprio personagem no conto, o espírito que nega, conta com a tendência dos humanos de querer sempre levar vantagem em tudo. *A Igreja do Diabo* é um conto que traz à luz a representação do Demônio sob a mítica religiosa e a responsabilidade dos ensinamentos contísticos é atribuída à própria Igreja, portanto, o narrador não se compromete e nos revela o que parece ser uma estratégia do narrador para provocar no leitor a imprecisão no entendimento quanto à autoria dos ensinamentos alusivos aos contos, isto é, o que o narrador está a contar não é uma história criada por ele mesmo, mas, sim, atribuída a outrem diante do qual o narrador se põe como mero transmissor da palavra:

Conta um velho manuscrito beneditino que o Diabo, em certo dia, teve a ideia de fundar uma igreja. Embora os seus lucros fossem contínuos e grandes, sentia-se humilhado com o papel avulso que exercia desde séculos, sem organização, sem regras, sem cânones, sem ritual, sem nada. Vivía, por assim dizer, dos remanescentes divinos, dos descuidos e dos obséquios

humanos. Nada fixo, nada regular. Por que não teria ele a sua igreja? Uma igreja do Diabo era o meio eficaz de combater as outras religiões, e destruí-las de vez. (ASSIS, 2007, p. 9).

A menção a um velho manuscrito empresta à narrativa certo aspecto fantasioso, ao gosto de determinadas histórias de trancoso. Em “A Igreja do Diabo”, os espaços retratados são o céu e a terra. No céu, o diabo comunica a Deus a sua decisão de fundar uma igreja e na terra põe seu plano em curso; céu como o lugar perfeito, lugar onde o bem é uma constante e a terra lugar das contradições, onde o mal se manifesta sempre, através das ações maléficas cometidas pelos homens.

Interessante perceber que o narrador machadiano, ao falar de Igreja, não faz referência ao templo, mas se refere, metonimicamente, às pessoas que são a verdadeira Igreja. Além da crítica social, que não deixa de nos passar conhecimentos, o narrador também nos passa ensinamentos que são alusivos à Bíblia Sagrada, na qual Jesus nos ensina que o mais importante são as pessoas e não os templos construídos:

Também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela. Dar-te-ei as chaves do reino dos céus: o que ligares na terra, terá sido ligado nos céus; e o que desligares na terra, terá sido desligado nos céus. (MATEUS, 16: 18-19).

Sendo o ser humano o objeto mais valioso para Deus, talvez isso explique por que o Diabo quer tanto se apossar de tal objeto. Também na Bíblia Sagrada, encontramos indícios de que a terra é reduto de Satanás, sendo este o próprio homem quando se mostra incrédulo das coisas de Deus:

[...] começou Jesus Cristo a mostrar a seus discípulos que lhe era necessário seguir para Jerusalém e sofrer muitas cousas dos anciãos, dos principais sacerdotes e dos escribas, ser morto e ressuscitado no terceiro dia. E Pedro, chamando-o a parte, começou a reprová-lo, dizendo: Tem compaixão de ti, Senhor; isso de modo algum te acontecerá. Mas Jesus, voltando-se, disse a Pedro: Arreda! Satanás, tu és para mim pedra de tropeço, porque não cogitas das cousas de Deus, e, sim, das dos homens. (MATEUS, 16:21-23).

Voltando ao conto, lembremos que, fundada a Igreja, esta necessita de seus próprios dogmas, de suas próprias leis. E como a Igreja do Diabo imita a Igreja de Deus, da mesma forma, o Sermão do Diabo, o terceiro conto machadiano que analisamos neste trabalho, imita o Sermão de Deus. Ao invés de Jesus em um monte da Galileia, no início da era cristã, tem-se o Diabo a evangelizar sentado no Corcovado, no final do século XIX, em uma alegoria aos tempos modernos. É escolhido um monte por ser um lugar alto que lhe dá a soberania desejada de figura privilegiada.

Neste conto, também vemos afloradas as concepções do mundo capitalista em que os princípios de solidariedade e de fraternidade se desconhecem: “Não matareis o vosso irmão, nem o vosso inimigo, para que não sejais castigados. Eu digo-vos não é preciso matar a vosso irmão para ganhades o reino da terra; basta arrancar-lhe a última camisa”. (ASSIS, 2002, p. 402).

Entre as regras impostas pelo Demônio, está também a única forma de amor ao próximo que se daria apenas quando se tratasse de amar as damas alheias. “A única hipótese em que ele permitia amar ao próximo era quando se tratasse de amar as damas alheias, porque essa espécie de amor tinha a particularidade de não ser outra coisa mais do que o amor do indivíduo a si mesmo” (ASSIS, 2007, p. 13). Ou seja, no lugar da caridade, do cuidado com o outro, conforme prega a doutrina cristã, o Diabo prega o individualismo, o egocentrismo, o egoísmo como princípio maior do ser humano tanto que o outro só pode servir se for para satisfazer os desejos e caprichos do indivíduo.

Ao dar continuidade às normas estabelecidas pelo Tinhoso, o narrador não se compromete, não responde pelas doutrinas: “O narrador se isenta de qualquer responsabilidade sobre a veracidade da história narrada”. (MELO, 2005, p. 157). Atribui seus ensinamentos a um manuscrito entregue a ele pelo próprio Diabo: “Aqui acaba o manuscrito que me foi trazido pelo próprio Diabo, ou alguém por ele; mas eu creio que era o próprio”. (ASSIS, 2009, p. 404). Seus ensinamentos têm início com as bem-aventuranças, e, como já é peculiar ao narrador machadiano, nega tudo que é afirmado pelas escrituras. Nega, por exemplo, que o Demônio tenha vindo destruir as obras imperfeitas, mas refazer as desfeitas. “Não julgueis que vim destruir as obras imperfeitas, mas refazer as desfeitas”. (ASSIS, 2009, p. 402). O mundo é mostrado como um palco de lutas entre desiguais nas quais vencem sempre os mais fortes. E trata de temas como hipocrisia, egoísmo e contradição humana. E mais uma vez, o narrador não se compromete, visto que declara não pertencer a nenhuma instituição: “Apesar de tudo, não respondo pelo papel, nem pelas doutrinas, nem pelos erros de cópia”. (ASSIS, 2009, p. 404).

As descrições dos espaços e das personagens presentes nos contos são ricas de significações na configuração e na formação de um espaço alegórico. No Sermão do Diabo, o espaço é monte do Corcovado, símbolo maior da cidade do Rio de Janeiro; lugar onde se aglomeram milhares de pessoas e onde tudo pode ser visto de cima. Isso dá ao Diabo certo ar de superioridade, como estar sentado a um trono digno de um rei: “e vendo o Diabo a grande multidão de povo, subiu a um monte, por nome Corcovado,

e, depois de se ter sentado, vieram a ele os seus discípulos”. (ASSIS, 2009, p. 402).

Todas as alegorias presentes nos contos aqui analisados parecem representar o mundo capitalista, um mundo que recria a imagem do homem que é produtor de bens e de serviços de consumo num jogo de sedução que visa obter mais lucro e também ludibriar o consumidor, levando este a crer que está fazendo um bom negócio. “Bem-aventurados os que nascem finos, porque eles morrerão grossos”. (Assis, 2009, p. 402).

“Finos” aqueles que são espertos e ousados, portanto conseguem ludibriar o outro, e obtêm assim os bens do mundo, passando então a viverem na abundância, são os “grossos”: “As porcentagens são as primeiras flores do capital; cortai-as logo, para que as outras flores brotem mais viçosas e lindas”. (ASSIS, 2009, p. 403). As flores viçosas e lindas são o sucesso alcançado devido à falta de escrúpulos, à ganância e à má fé nos negócios, todas as qualidades imbuídas no homem capitalista. Ou seja, a voz do Diabo expressa uma crítica à sociedade burguesa do final do século XIX, ao individualismo, ao desrespeito com o outro, sentimentos característicos do mundo capitalista que visa à exploração dos homens ingênuos e inexperientes:

No conto “O Sermão do Diabo” o narrador se utiliza do imaginário da religião para construir sentidos morais que circuncidiam o homem moderno, visto que em toda e qualquer sociedade organizada, a religião se apresenta como uma das estruturas institucionais importantes constitutivas do sistema social como um todo (PINTO, 2011, p. 16).

Ao longo dos contos, os signos linguísticos que enfeixam a representação do Diabo são sempre ligados às ideias de veneno, astúcia, falsidade, maldade, traição. Mas também são creditados ao demônio a alegria e o riso, ainda que seja o da galhofa. O narrador machadiano se utiliza de um recurso irônico para abordar as contrariedades da sociedade que denotam a maldade do ser humano. Quando carnavalizada, a representação é mostrada às avessas e confere a esta uma dimensão cósmica do riso coletivo em oposição ao tom eclesiástico caracterizado pelo tom intimidador imposta pela convenção religiosa.

A representação “às avessas”, portanto carnavalizada, provoca risos a respeito do demoníaco e estabelece um segundo mundo “às avessas”, onde são abolidos todos os dogmas religiosos. É uma forma bem humorada de dizer “verdades” e insatisfações acerca da humanidade. Também a figura do Demônio é carnavalizada³ quando

³ Segundo Silva (2011), carnavalização diz respeito às manifestações da cultura e do imaginário popular, que veicula uma cosmovisão que nem sempre coincide com a visão oficial.

comparado a animais peçonhentos e repugnantes. No entanto, quando carnavalizado, o Diabo não atua como opositor de Deus e do bem, que vive a maquiavar o mal, mas um Diabo associado ao riso que age com o intuito de atormentar e negar os desígnios divinos.

Analisando o conceito de Teologia como “a doutrina de Cristo que ensina as verdades fundamentais da Bíblia organizadamente”, (DISCIPULADO SEM FRONTEIRA, 2003, p.3), o Diabo também apresenta nos contos a sua teologia⁴ através de doutrinas contrárias às de Cristo, que também ele (o Diabo) considera como suas verdades; a doutrina da negação, do rebelar-se contra as convenções religiosas tidas como verdades absolutas.

Um ponto em comum entre os contos analisados é que a personagem do Diabo aparece sempre como perdedor no final. E ao consagrar-se como perdedor é desqualificado, ludibriado e vencido pelo homem: “Tu és vulgar, que é o pior que pode acontecer a um espírito de tua espécie”. (ASSIS, 2007, p. 11). Ao negar todas as regras ditadas por Deus, o Diabo criara novas regras, o que restringia a liberdade do homem e o fazia submisso, desta vez não a Deus, mas ao Diabo. Trata-se da eterna contradição humana: sempre dividido entre o bem e o mal e alheio à imposição de regras:

Não tem um final surpreendente, tudo continua como sempre foi, por ser o homem um ser volúvel que muda de uma concepção religiosa, filosófica ou de qualquer outra natureza em função das circunstâncias; **tais circunstâncias que buscam sempre o seu favorecimento pessoal e não o favorecimento coletivo da humanidade.** (MELO, 2005, p. 132, negrito nosso).

Assim, o Diabo machadiano representa este homem insatisfeito, avesso a regras. Neste caso, o demônio apresenta-se como representação de uma humanidade egoísta, mesquinha, que traz consigo a marca da crueldade. Todas as representações giram em torno de alegorias religiosas, como a criação do mundo, a igreja e os dogmas que regem esta igreja:

Todas as virtudes cuja capa de veludo acabava em franja de algodão, uma vez puxadas pela franja, deitavam a capa às urtigas e vinham alistar-se na igreja nova. Atrás foram chegando as outras, e o tempo abençoou a instituição. A igreja fundara-se, a doutrina propagava-se; não havia uma região do globo que não a conhecesse, uma língua que não a traduzisse, uma raça que não a amasse. O Diabo alçou brados de triunfo. (ASSIS, 2007, p.13-14).

⁴ Segundo DISCIPULADO SEM FRONTEIRA (2008), Teologia é a ciência que trata do nosso conhecimento de Deus e das relações com o homem; ciência, pois que organiza em sequência lógica fatos comprovados, podendo aplicar na religião.

Se, em “A igreja do Diabo” bem como em “O sermão do Diabo”, o parâmetro do demônio para a construção de um universo todo seu, com regras e servos, é o mundo divino, este universo diabólico configura-se como uma cópia ao avesso do universo divino, daí por que no plano da construção textual o recurso de que se vale Machado de Assis é a paródia: “Prática textual que se refere prioritariamente a outra prática textual”. (SÁ REGO, 1989, p. 52). Aqui, lembremos que “o que o texto parodístico faz é exatamente uma re-apresentação daquilo que havia sido recalcado. Uma nova e diferente maneira de ler o convencional. É um processo de liberação do discurso. É uma tomada de consciência crítica” (SANT’ANNA, 1985, p.31). Nessa leitura do convencional, isto é, do discurso bíblico sobre o demoníaco, o texto machadiano colocará Satanás como criador das realidades nocivas e sinistras. Neste caso, Deus atuará em oposição a ele para contrabalançar essas realidades com suas criações benéficas e compassivas. “Dessa aliança entre o Pai do Mal e o Senhor, dessa combinação de elementos diabólicos e divinos, forma-se o mundo, impuro de nascença e fadado à contradição” (VILAR, 2006, p. 07). Todavia, uma novidade na representação do Diabo em Machado de Assis está no fato de colocar esse ser como representação das contradições humanas, mas também como vítima das contradições humanas, visto que, se o homem, na luta entre Deus e o Diabo, constitui-se como objeto da disputa, o Diabo não se sagrará vencedor não porque Deus seja superior a ele, mas porque o objeto almejado, o ser humano, já traz em si mesmo as contradições que inviabilizará todo e qualquer projeto de vitória por parte do Diabo, bem como por parte de Deus, como bem pode ser exemplificado a partir do conto *A igreja do Diabo*: [...] tudo o que dizes ou digas está dito e redito pelos moralistas do mundo. (ASSIS, 2007, p. 11).

De acordo com Melo (2005), os homens contraditórios não pertencem nem a Igreja de Deus, nem a Igreja do Diabo, pois estando em uma delas na aparência, pertencem a outra na essência, são essencialmente anárquicos. Ainda sobre *A igreja do Diabo*, cumpre registramos que Machado de Assis faz uso do medo que as pessoas sentem do Demônio (pedagogia do medo implantada pela Igreja) para criar uma personagem que mostra um inferno completamente diferente: “Ele prometia a seus discípulos e fiéis as delícias da terra, todas as glórias, os deleites mais íntimos”. (ASSIS, 2007, p. 11).

O Diabo criado por ele em nenhum momento é pior que Deus, uma vez que se mostra capaz de realizar as mesmas coisas que Deus realiza; mostra-se

capaz de organizar dogmas e conduzir uma legião de fiéis, entretanto, de forma bem mais liberal e sem hipocrisia. (PRZYBYISKI, 2008, p. 247).

A divisão do homem que oscila sempre entre o bem e o mal e se depara a todo o momento com o pecado, sem, no entanto, desprezar nenhuma das vertentes, constitui a sua dificuldade em se encontrar, e isto resulta em um eterno conflito entre a obediência, representada por Deus, e a desobediência, que significa o demônio; dividido por ser possuidor de uma essência que o torna oscilante entre vícios e virtudes.

Todos os princípios narrados nos contos são baseados na simbologia do mundo material, ou seja, as tentações terrenas, como o dinheiro e o poder, e leva o leitor a refletir sobre os mecanismos que impulsionam as personagens a cometerem seus atos:

O homem vive imerso na culpa: a culpa própria e a culpa dos outros, cujas consequências sofre. Para a pessoa de fé, a culpa tem uma relação direta com Deus: a culpa é pecado contra Deus”. O pecado pode-se cometer de muitos modos: o homem que causa injustiça ou prejuízo a seu semelhante, que lhe tira a paz e lhe traz a desgraça se afasta dele; mas se afasta também de Deus e põe em perigo a sua felicidade e a sua vida. (A BÍBLIA DO JOVEM, 1989, p.19).

Os discursos elaborados pelos narradores machadianos apresentam a marca da irreverência e da ironia, onde se busca uma verdade que se mostra cruel na máscara do escárnio e do riso. Constrói-se em vista do outro, está na fronteira com o seu contrário. Este, pois, é um recurso que caracteriza um tipo específico de sátira, a *menipéia*⁵, que é utilizado com certa frequência por Machado de Assis em suas obras, aliás, esse é um tipo de gênero que “se caracteriza pela denúncia ou por apresentar coisas “ridículas”, “grosseiras”, e “vergonhosas”; esse gênero se distingue por ser um verdadeiro prato cheio para ser apreciado por uns e detestado por outros”. (CARVALHO, 2008, p. 49). E ainda:

Para os defensores da tradição da sátira romana – as pelo menos de um dos aspectos desta tradição – a sátira deve ter uma função moralizante indubitável, e o riso deve servir apenas como um meio para a denúncia dos vícios da humanidade. (SÁ REGO, 1989, p. 43).

O Diabo em Machado de Assis tem em sua representação um discurso contrário ao que é proposto pelo discurso cristão. O discurso diabólico está repleto de promessas mais sedutoras que as de todas as religiões, ou seja, a inversão das virtudes, as delícias

⁵ A sátira *menipéia* deve seu nome a Menipo, pensador sírio, que teria desenvolvido um tipo de sátira que desrespeitaria as tradições literárias vigentes na época.

da terra, todas as glórias, os deleites mais íntimos: “Vós sois a luz do mundo. Não se põe uma vela acesa debaixo de um chapéu, pois assim se perdem o chapéu e a vela”. (ASSIS, 2009, p. 402). E mais: “Vós sois o sal do *Money market*. E se o sal perder a força, com que outra coisa se há de salgar”. (ASSIS, 2009, p. 402).

Os contos nos mostram a imagem humana refletida em uma espécie de espelho invertido. O Diabo propõe uma doutrina muito semelhante à de Deus, com uma única diferença, negar o que reflete: “Nego tudo. A misantropia pode tomar aspecto de caridade; deixar a vida aos outros, para um misantropo, é realmente aborrecê-los...” (ASSIS, 2007, p. 11). Podemos perceber que os narradores machadianos enxergam de maneira negativa a alma humana que é tomada como corruptível, nunca satisfeita e está sempre atrelada à imagem diabólica, colocando-os sempre no mesmo patamar, isto é, em negativo. Ao comparar o homem ao Diabo, o narrador evoca todo o simbolismo que representa este ser, tal como a falsidade, a traição, o egoísmo, e deixa transparecer que o homem não é digno de confiança. E assim o foi na narrativa de expulsão do homem do Paraíso por Deus:

- Vede, o homem já é como um de nós; conhece o bem e o mal. Que não estenda agora a mão para tomar também o fruto da árvore da vida, comer e viver eternamente. Por isso o Senhor o expulsou do paraíso para que trabalhasse a terra de onde fora tirado. (A BÍBLIA DO JOVEM, 1989, p. 26).

Exaltando os pecados, o discurso elaborado pelos narradores do Bruxo do Cosme Velho, aliado à figura do Diabo, tenta eliminar a influência divina. São opiniões do narrador-autor sobre o mundo e a crença popular, um olhar sobre o humano. “Se o personagem Deus diz, por exemplo, para amar o próximo, o diabo apregoa para odiar a todos”. (ASSIS, 2009, p. 403).

Como dito no início do presente capítulo, o Diabo dos contos machadianos não é esse ser medonho, monstruoso e grotesco:

- Sim, sou o Diabo – repetia ele – Não o Diabo das noites sulfúreas, dos contos soníferos, terror das crianças, mas o Diabo verdadeiro e único, o próprio gênio da natureza, a que se deu aquele nome para arredá-lo do coração dos homens. Vede-me gentil e airoso. Sou o vosso verdadeiro pai. (ASSIS, 2007, p. 11-12).

Ele representa as falhas, as imperfeições que são partes constitutivas de todo ser humano. Fazem parte da natureza humana o afastar-se daquilo que causa dor e terror, mas também o ser atraído de volta: é o gosto humano pelo proibido, pelo pecado, pela tensão entre pecar contra mas glorificar o divino:

- Sim, sou o Diabo – repetia ele – Não o Diabo das noites sulfúreas, dos contos soníferos, terror das crianças, mas o Diabo verdadeiro e único, o próprio gênio da natureza, a que se deu aquele nome para arredá-lo do coração dos homens. Vede-me gentil e airoso. Sou o vosso verdadeiro pai. (ASSIS, 2007, p. 11-12).

E se representa o pecado, então o homem e o Diabo estão intimamente interligados, na medida em que o homem é um pecador e se comporta de forma contrária ao que é proposto por Deus. Símbolo de contradição e de negação, o Diabo machadiano é a representação do pessimismo, que parece do escritor, para com a humanidade, não acreditando que esta tenha solução; a crueldade parece fazer parte da condição humana: “O homem é um espírito que nega”. (MELO, 2005, p. 117).

O Diabo é visto sob uma perspectiva contrária do que se deseja como perfeito, belo, pois representa a rebeldia e infidelidade do homem contra Deus. O demônio é feio, monstruoso. Mesmo quando este adquire a forma de um homem belo, sua alma é feia, imperfeita. A imperfeição habita a matéria, a perfeição é potencialidade na natureza e existe independente da forma que a reveste, ou seja, o imperfeito não é apenas o contrário do perfeito, mas uma força que se opõe à perfeição. Deus é perfeição, portanto belo, é o criador de todas as coisas: “O homem com tudo o que o rodeia não existe por si: tudo vem de Deus, a criação é seu dom. Deus criou o céu e a terra”. (A BÍBLIA DO JOVEM, 1989, p. 11).

No entanto, nos contos analisados, o Diabo não é apenas um oponente de Deus, pois, de acordo com o que já assinalamos em parágrafos anteriores, trabalha em consonância com este para tentar os pecadores. Todos os males atribuídos ao maligno são formas de melhorar o homem. Deus permite esta intervenção maligna sobre os humanos, provavelmente buscando através destas ações uma transformação de suas almas corruptas, feias e imperfeitas para almas puras e belas, harmoniosas e dignas.

Partindo do pressuposto de ser o Diabo colaborador de Deus na terra, de certo há de existir algo de belo em sua essência, uma vez que purifica a alma humana e as entrega ao Altíssimo. É a natureza malformada que transcende de um ser grotesco e torna-se belo:

O belo em sua essência seria uma espécie de abstração pura, dotado de uma plasticidade que pode estar presente em todo tipo de forma com a potencialidade de transcendê-la, tornando qualquer objeto digno e belo. Assim o belo pode transcender de um objeto grotesco. (FILOSOFIA CIÊNCIA E VIDA, 2013, p.27)

Sendo o homem natureza e como toda natureza malformada pode tornar-se bela

se submetida ao ato da correção, a missão do Diabo na terra consiste em mostrar a imperfeição humana para que haja o ato da correção por Deus. No entanto, muitas coisas são belas, embora possam apresentar uma imagem não tão bela assim. A beleza é potencialidade na natureza e existe independente da forma que a reveste. “Assim como as capas de algodão que têm agora franjas de seda, como as de veludo tiveram franjas de algodão”. (ASSIS, 2007, p. 14).

O Diabo é uma figura alegórica dentro da contística machadiana. Esta alegoria pode ser tanto das contradições humanas, ao ser apresentado como a própria humanidade – retrata o homem como ele é em sua essência: metade do bem, metade do mal, o que nos impede de definir suas personagens em boas ou más, mas simplesmente podemos classificá-las como humanas –; quanto do ofício de ser escritor, uma vez que, segundo Melo (2005), “a ênfase à sátira, à paródia, ao alegórico e ao desconstrutivismo estrutural teria tido como motivação, antes de tudo, o desencanto de Machado de Assis, com o cenário nacional do século XIX”, já que o bruxo das palavras, ao que podemos perceber em seus contos, exercita a sua capacidade de julgamento, revelando-nos uma sombra de pessimismo e descrença na melhoria do espírito humano, não acreditando em suas virtudes, logo a função do Diabo como purificador das almas não terá êxito: “Muitos corpos que se ajoelham aos vossos pés, nos templos do mundo, trazem as anquinhas da sala e da rua, as pupilas centelham de curiosidade e devoção entre o livro santo e o bigode do pecado”. (ASSIS, 2007, p.10).

Para MELO (2005,) nos textos machadianos em que o Diabo é personagem, realmente existe uma tendência na fortuna crítica do autor totalmente voltada ora para o estudo do Brasil oitocentista ora para o perfil psicológico de Machado de Assis.

O mundo, para ele, é aquele em que o mal predomina sobre o bem; as virtudes estão todas submetidas às mazelas. O Diabo nos é apresentado com características essencialmente humanas e representa o lado obscuro e profano da humanidade:

Nos contos aparece uma complexificação: as extremidades se negam e se afirmam, se projetamos a categoria bem (divino) versus mal (diabólico) para a natureza; por exemplo, ela não é só boa nem só má: ela é boa e má ao mesmo tempo. (PROENÇA, 2008, p. 10).

Dono do discurso, ou melhor, portador da palavra que nos leva a outra visão do processo de criação do mundo, processo esse em que, mais do que Deus, é o Diabo que ocupa o lugar de protagonista, o narrador dos contos machadianos, não se comprometendo com o que diz, deixa entrever que a luta entre Deus e o Diabo é fruto

de uma oposição entre o plano espiritual e o plano social. O primeiro é perfeito, pois pertence ao mundo divino; o segundo pertence ao homem, sujeito às ações ditas próprias do Demônio, aqui representadas pelo mundo material. “Assim, se estiveres fazendo as tuas contas, e te lembrares de que teu irmão anda meio desconfiado de ti, interrompe as contas, sai de casa, vai ao encontro de teu irmão na rua, restitui-lhe a confiança, e tira-lhe o que ele ainda levar consigo” (ASSIS, 2007, p. 403):

Quando o homem se afasta de Deus e de seus preceitos, a convivência humana se degrada. O Senhor viu que os homens iam se pervertendo mais e mais. A degeneração e a violência imperavam sobre a terra. O Senhor arrependeu-se de ter criado o homem. (A BÍBLIA DO JOVEM, 1989, p. 27-28).

Quando se refere às almas católicas em *O Sermão do Diabo*, o narrador assevera que estas não devem se apavorar, pois as palavras do evangelho se referem aos hipócritas e àqueles que possuem atitudes contrárias ao Evangelho de Jesus Cristo. De acordo com *A Bíblia do Jovem* (1989), Deus não quer a destruição, nem a ruína de sua criação. Desde o princípio, ele a moldou perfeita embora o pecado dos homens a tenha danificado e a siga danificando. No entanto, Deus criará um mundo novo, uma humanidade nova, redimida por Jesus. Essa humanidade vive em comunhão permanente e indestrutível com Deus:

Esta é a morada de Deus com os homens. Ele plantará sua tenda entre eles: eles serão seu povo e ele, Deus-com-eles, será seu Deus. Ele lhes enxugará as lágrimas; já não haverá morte nem luto, nem gemidos, nem penas; porque todas as coisas antigas passaram. (APOCACALIPSE, 21: 3-4).

O Diabo é carnalizado em suas representações e isto é feito de forma depreciativa e grotesca, causando riso e escárnio contribuindo por reforçar a imagem negativa que o acompanha há séculos. Todavia, lembremos que o Demônio é apresentado como uma rede de significações que causa temor ao mesmo tempo em que Deus causa esperança. Essa rede de significação causa pavor, pois representa o pecado, que deve ser combatido, corrigido. E esta correção está em Deus, através das ações do Diabo, Deus que é símbolo de bondade e esperança de um mundo mais justo e perfeito, conforme reitera o discurso bíblico:

A caridade jamais passará. Quanto às profecias, desaparecerão. Quanto às línguas, cessarão. Quanto à ciência, também desaparecerá. Pois o nosso conhecimento é limitado, e limitada é a nossa profecia. Mas quando vier a perfeição, o que é limitado desaparecerá. Quando eu era criança, falava como

criança, pensava como criança, raciocinava como criança. Depois que me tornei homem, fiz desaparecer o que era próprio da criança. Agora vemos em espelho e de maneira confusa, mas, depois, veremos face a face. Agora o meu conhecimento é limitado, mas, depois, conhecerei como sou conhecido. Agora, portanto, permanecem fé, esperança, caridade, estas três coisas. A maior delas, porém, é a caridade. (I Cor 13, 8-13).

Como príncipe do mundo material, as ações de Satanás têm por objetivo introduzir na mente dos fiéis a convicção de que a presença do mal é real. Através de suas artimanhas e ataques astutos (tentação) e até pela força (possessão), coloca toda a humanidade perto da perdição, obrigando-a a evitar a tentação e o pecado, ou simplesmente, aterrorizando-a para que esta ceda ao seu poder:

Eu, porém, vos digo que não jureis nunca a verdade, porque a verdade nua e crua, além de indecente, é dura de roer; mas jurai sempre e a propósito de tudo, porque os homens foram feitos para crer antes nos que juram falso, do que nos que não juram nada. Se disseres que o sol acabou, todos acenderão velas. (ASSIS, 2009, p. 403).

Criatura divina, bom em sua natureza, mas que fez mal uso de seu livre-arbítrio, o Diabo tornou-se apenas um agente de Deus, submetendo-se a Este e não podendo agir sem sua permissão, cabendo a ele aplicar as penas do inferno. Assim sendo, o Diabo não é a personificação do mal. Este é parte do dilema da vida humana. Deus dotou o homem de livre-arbítrio e este pode escolher em ser bom ou mau de acordo com a sua própria conveniência. O Demônio é visto como imperfeito, feio, monstruoso por realizar as tarefas sujas que são necessárias à realização dos desígnios divinos: “O Lúcifer dantesco é apresentado de uma forma medonha, monstruosa, grotesca e horrorosa que gera e transmite medo, uma oposição ao belo, à luz, ao Cristo, aos anjos e a Deus” (MAGALHÃES, SILVA, FERRAZ e LEOPOLDO, 2012, p. 159).

No entanto, o mal foi concretizado na figura dos demônios. O mal se encontra em todos os lugares, e o homem deve estar preparado para enfrentá-lo. Informado sobre os meios pelos quais os demônios se manifestam, o homem pode aprender a evitar o pecado. Evitar as trevas do inferno que se opõem à luz celeste, assim como satanás se opõe a Deus. Por fim, resta acrescentarmos que a representação do Diabo habita o inconsciente coletivo da alma humana e ao desenvolver este tema nos contos o narrador explicita, de forma consciente, o seu pensamento e sua visão de mundo, que está permeada pelo que o autor gostaria ou não de expressar; expressa, portanto, a ideologia e visão do mundo presente no imaginário coletivo; problematiza as pessoas e suas

reações, seus conflitos, suas tendências pecaminosas, seus desatinos, o comportamento do homem.

Deduz-se, assim, que a representação da figura do Diabo, em sua construção simbólica, cresce e se fortalece na visão popular, e assemelha-se a um homem com virtudes e defeitos tais como: astúcia, perseverança, inteligência, maledicência, maldade e falsidade: “A igreja de Deus, nos contos analisados, é descrita como uma empresa, na qual proliferam os bens de salvação”. (MELO, 2005, p. 120). “Não tarda muito que o céu fique semelhante a uma casa vazia, por causa do preço, que é alto. Vou edificar uma hospedaria barata; em duas palavras, vou fundar uma igreja”. (ASSIS, 2007, p. 11). O conflito vivenciado entre o bem e o mal deixa transparecer na humanidade, através dos contos, a resistência à opressão e dominação de normas e preceitos pré- estabelecidos pela sociedade em que vive. Esses conflitos existenciais e as contradições do homem estão corporificados na figura do Diabo machadiano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O demoníaco evoca os resquícios do mítico na história do pensamento, ainda que a alusão a ele se dê em esferas não tradicionalmente religiosas, como pode ser o caso do pensamento filosófico e mesmo científico, permitindo, portanto, uma fronteira do pensamento, uma linha tênue entre o religioso, o literário, bem como outras formas de criar e desenvolver o pensamento e sedimentar as culturas (MAGALHÃES, SILVA, FERRAZ e LEOPOLDO, 2012). Se as figuras do Diabo, de Satanás são tradicionalmente religiosas, em grande parte, cultivadas e interpretadas na história das religiões, o demoníaco, por sua vez, estabelece uma fronteira criativa com essas figurações do mal, mas também continua a constituir a criatividade em outras tradições do pensamento, sem deixar de manter certo vínculo com as muitas formas de representação na história da cultura, das civilizações e da religião.

Nossa pesquisa consistiu, portanto, em investigar como se dava a representação do Diabo nos contos “Adão e Eva”, “A Igreja do Diabo” e o “Sermão do Diabo” de Machado de Assis. A partir das análises realizadas neste trabalho, pautadas nas reflexões que os narradores machadianos fazem de tal figura diabólica, concluímos que os narradores dos contos aqui analisados se utilizam da figura do Diabo, que faz parte do imaginário coletivo, para representar o homem do século XIX, individualista, e o mundo capitalista que explora homens ingênuos e inexperientes em proveito próprio. Nesse caso, o demoníaco representa as falhas e as imperfeições que são partes constitutivas de todo ser humano, num mundo onde a ganância, a hipocrisia e o egoísmo são características sempre presentes no homem.

Vislumbramos que a voz do Diabo expressa, então, uma crítica ao individualismo, ao desrespeito com o outro, num mundo onde vence sempre os mais fortes. E onde o mais forte é sempre aquele que tem um maior poder aquisitivo. Assim o Diabo, em Machado de Assis, assume a máscara do criador. Criador de falsidade, egoísmo, traição. Máscara de um sedutor que se utiliza de estratégias nem sempre louváveis para alcançar seus objetivos. Mas também se veste de uma máscara de deboche que faz rir, que diverte e contagia os leitores com suas artimanhas. Assumindo essas máscaras, só pode representar o homem, que é imperfeito e suscetível às tentações terrenas, cabendo somente a Deus a perfeição e a capacidade de julgamento acerca do certo e o errado.

Por fim, por ser o Diabo uma figura que tem sua imagem atrelada sempre à rebeldia e a transgressão de regras, dentre as representações que dele se fazem na narrativa curta machadiana, podemos dizer que a figura do Diabo pode ser vista também como a representação da resistência do homem à opressão e dominação de normas e preceitos pré-estabelecidos pela sociedade em que vive.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A BÍBLIA DO JOVEM. Navarra – Espanha: Editorial Verbo Divino, 1989.

A BÍBLIA SAGRADA. 2ª Ed. Tradução João Ferreira de Almeida. – São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

ALVAREZ, Aurora Gedra Ruiz. *O século XIX sob o olhar machadiano*. – São Paulo: Programa de Pós Graduação em Letras, 2008. Disponível em WWW.ufsj.edu.br

ASSIS, Machado de. *Contos*. – São Paulo, SP: Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda., 2007. Coleção Clássicos da Literatura.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. – 43 ed. – São Paulo: Cultrix, 2006.

CAMARGO, Flávio Pereira. *Reverendo as margens: A (auto) representação de personagens homossexuais em contos de Caio Fernando Abreu*. – Brasília: Universidade de Brasília, 2010. Disponível em WWW.repositorio.unb.br

CARVALHO, Francismar Alex Lopes de. *O conceito de representações coletivas segundo Roger Chartier*. Maringá-PR: Universidade Estadual de Maringá, 2005. Disponível em WWW.sc.senac.br/biblioteca

CARVALHO, Wandercy de. *A Sátira Menipéia no contexto da Revolução de Abril*. - Rio de Janeiro: UFRJ/FL, 2008. Disponível em <http://www.lettras.ufrj.br/posverna/mestrado>

Contexto: Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras Universidade Federal do Espírito Santo. – Vitória/ ES: EDUFES, 2009. *Dossiê Machado de Assis e Guimarães Rosa*. Disponível em WWW.prppg.ufes.br

COUSTÉ, Alberto. *Biografia do diabo: o diabo como sombra de Deus na história* tradução Luca Albuquerque – Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1996.

DISCINI, Norma. *Carnavalização*. In BRAINT, Beth (org.). *Bakthin: outros conceitos chaves*. – São Paulo: Contexto, 2006.

DISCIPULADO SEM FRONTEIRAS: *Teologia Sistemática*. Fortaleza, 2003. Disponível em WWW.discipuladosemfronteira.com/contato.php.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Miniaurélio Século XXI Escolar: o minidicionário da língua portuguesa*. 4ª ed. ver. Ampliada – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FILOSOFIA, CIÊNCIA E VIDA. – São Paulo: PNBE PERIÓDICOS, 2013.

- GANCHO, Cândida Vilares. *Como analisar narrativas*. – São Paulo: Ed. Ática, 1991.
- GOTLIB, Nádya Battella. *Teoria do conto*. – São Paulo: Ed. Ática, 2003.
- Site: [http://cristadelfianos.planetaclix.pt/ O Diabo e Satanás/](http://cristadelfianos.planetaclix.pt/O_Diabo_e_Satanás/) acessado em 11/05/2013 às 15:24.
- KRAMER, Heinrich e SPRENGER, James. *O martelo das feiticeiras*. Introdução histórica Rose Marie Muraro; prefácio, Carlos Byington; tradução de Paulo Fróes. – 17ª ed. – Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 2004.
- LINK, Luther. *O diabo: a máscara sem rosto/ Luther Link*; tradução de Laura Teixeira Motta. – São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- MAGALHÃES, Antônio Carlos de Melo, SILVA, Eli Brandão da, FERRAZ, Salma e LEOPOLDO, Raphael Novaresi (orgs.). *O demoníaco na literatura*. Campina Grande: EDUEPB, 2013.
- MELO, Rosângela Alves de. *O Diabo: artesão da sátira em contos de Machado de Assis*. – João Pessoa, 2005.
- MOISES, Massaud. *A criação literária*. – São Paulo: Cultrix, 2000.
- NOGUEIRA, Carlos Roberto F. *O Diabo no imaginário cristão*. 2ª Ed. Bauru: EDUSC, 2002.
- NOVA, Vera Casa. *O Sermão do Diabo: o avesso da narrativa*. – Minas Gerais: UFMG, 2008. Disponível em WWW.lettras.ufmg.br
- OLIVEIRA, Davi da Silva. *Considerações sobre a paródia bíblica da criação do mundo no conto machadiano “Adão e Eva”*. – São Paulo: UNASP, 2010. Disponível em WWW.unasp_ec.com
- PINTO, Flávio Sabino. *Mecanismos interdiscursivos no conto “O Sermão do Diabo” de Machado de Assis*. – São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2011. Disponível em WWW.portaldepublicações.ufes.br
- PROENÇA, Paulo Sérgio de. *Análise Semiótica do conto “Adão e Eva”, de Machado de Assis*. – São Paulo: PG/ Universidade de São Paulo, 2008. Disponível em WWW.recantodasletras.com.br
- PRZYBYISKI, Mauren Pavão. *O Diabo como forma de estabelecimento do duplo: uma análise de “A Igreja do Diabo”, de Machado de Assis*. – Santa Catarina: Universidade Federal de Santa Catarina, 2008. Disponível em WWW.revistas2.uepg.br
- REVISTA DE HISTÓRIA DA BIBLIOTECA NACIONAL. - Rio de Janeiro: PNBE PERIÓDICOS, 2010, 2013.
- RUSSEL, Jeffrey Burton. *Lúcifer: o diabo na idade média*. – São Paulo: Madras, 2003.

SÁ REGO, Enylton José de. *O calundu e a panaceia: Machado de Assis, a sátira menipéia e a tradição luciânica*. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

SANT'ANNA, Afonso Romano de. *Paródia, Paráfrase e Cia – série princípios*. São Paulo: Ed. Ática, 1985.

VILAR, Bluma Waddington. *Deus, o Diabo e os direitos autorais: uma leitura comparativa do conto “Adão e Eva”*. – CNPQ/ Fundação Casa de Rui Barbosa, 2006.

Disponível em basesdedados.casaruibarbosa.gov.br